Lição 3 - A Definição Justificada. Modos de Vida

TEXTO 413a11–413b13 - LIVRO II, CAPÍTULO II

> *Visto que é a partir dos fatos menos claros, embora mais óbvios, que emerge o que é certo e mais evidente ao pensamento, tentemos abordar a questão de novo. § 245*
>
> *Pois não basta que um princípio definidor meramente mostre um fato, como fazem a maioria das fórmulas, mas também devem estar contidas e explicitadas as causas envolvidas. Geralmente os termos constituintes são como conclusões: por exemplo, o que é um quadrado igual a um oblongo? Um ortogônio equilátero. Tal termo é da natureza de uma conclusão. Mas dizer que um quadrado é a descoberta de uma linha média declara a razão do porquê. §§ 246-52*
>
> *Voltando, então, ao início de nossa investigação, digamos que o animado se distingue do inanimado por estar vivo.*
>
> *Viver, contudo, é predicado de várias maneiras; e mesmo que apenas uma delas esteja presente, dizemos que há vida; como, por exemplo, intelecção, sensação, ou movimento e repouso no lugar; bem como o movimento e repouso envolvidos na nutrição, e no crescimento e decaimento. §§ 253-5*
>
> *Por isso, todas as plantas parecem viver. Elas aparentam ter em si mesmas um poder e princípio desse tipo, pelo qual aumentam ou decaem em várias direções — isto é, elas não crescem apenas para cima, mas não para baixo, mas igualmente em ambos os sentidos; e em todas as suas partes são continuamente nutridas, e vivem enquanto conseguem absorver nutrição. §§ 256-7*
>
> *É possível que esse poder exista separado dos outros; mas que os outros existam separados dele é impossível, pelo menos em seres mortais. Isso é evidente nas plantas; pois nelas não há outra potência da alma. Viver por esse princípio, então, é comum a todos os seres vivos. § 258*

> *Mas um animal é tal primariamente pela sensação. Pois chamamos de animais também coisas que não se movem ou mudam de lugar, desde que tenham sensação, e não meramente vivam. Parece haver muitos desse tipo: por natureza, permanecem em um só lugar, mas possuem um dos sentidos. § 259*
>
> *O tato está em todos, primordialmente. Assim como os poderes vegetativos podem ser separados do tato e de toda sensação como um todo, também o tato pode ser separado dos outros sentidos. (Damos o nome de 'vegetativo' àquela parte da alma da qual as plantas participam). Todos os animais são vistos como possuidores do sentido do tato. § 260*
>
> *Por que causa cada um desses fatos é assim, diremos mais adiante. Por ora, basta dizer isto: que a alma é o princípio das qualidades que discutimos e é caracterizada pelos poderes vegetativo, sensitivo, intelectivo e motor. § 261*

COMENTÁRIO DE SÃO TOMÁS

LIÇÃO TRÊS

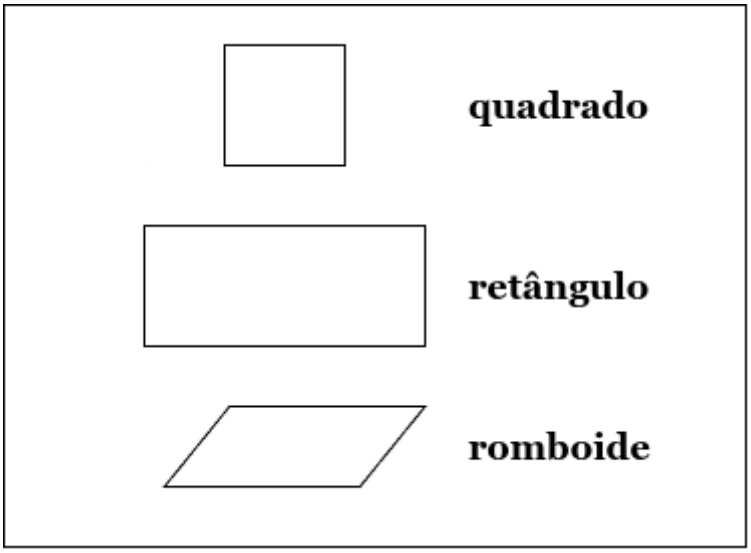
§ 245. Tendo definido a alma, o Filósofo agora se propõe a provar sua definição. Primeiro, ele diz o que pretende fazer e, em seguida, em 'Retomando, então', passa a executá-lo. Quanto ao primeiro ponto, ele determina primeiro o método de demonstração que pretende usar; depois disso, em 'Pois não basta', ele explica como certos tipos de definição podem ser provados. Com relação ao método a ser usado, devemos notar que, como só podemos conhecer o desconhecido se partirmos do que conhecemos, e como o propósito da demonstração é precisamente causar conhecimento, segue-se que toda demonstração deve começar a partir de algo mais cognoscível para nós do que a coisa a ser tornada conhecida por ela. Ora, em certos assuntos, como a matemática, que abstrai da matéria, o que é mais cognoscível é tal tanto em si mesmo quanto relativamente a nós; portanto, nesses assuntos, a demonstração pode partir do que é absoluta e naturalmente mais cognoscível e, portanto, pode deduzir os efeitos de suas causas; daí o nome que lhe é dado de demonstração *a priori*. Mas, na esfera bastante diferente das ciências naturais, o que é mais cognoscível não é a mesma coisa em si mesma e relativamente a nós; pois os efeitos sensíveis são geralmente mais evidentes do que suas causas. Portanto, nessas ciências, geralmente temos que começar a partir do que é, de fato, absolutamente falando, menos cognoscível, mas é mais evidente relativamente a nós (ver *Física*, Livro 1).

§ 246. E este é o tipo de demonstração que será usado aqui. Então ele diz que o que é naturalmente mais certo e é mais evidente para o pensamento torna-se certo para nós por meio de coisas menos certas por natureza, mas mais certas para nós; e que isso nos mostra o método a usar ao inquirir novamente sobre a alma e mostrar os fundamentos da definição dada acima.

§ 247. Então, em 'Pois não basta', ele nos diz por que a questão deve ser retomada. Certas definições podem, ele diz, ser demonstradas, e nesses casos não basta que a fórmula definidora expresse, como a maioria das 'fórmulas', i.e., definições, fazem, o mero fato; ela deve também dar a causa do fato; e, dado isso, pode-se então proceder para deduzir a definição que enuncia o mero

fato. Atualmente, muitas definições são dadas na forma de conclusões; e ele dá um exemplo da geometria.

§ 248. Para entender o que, devemos notar que há dois tipos de figura de quatro lados: aquelas cujos ângulos são todos retos, e estas são chamadas retângulos; e o tipo sem ângulos retos, e estas são chamadas romboides. Dos retângulos, novamente, há um com quatro lados iguais — o quadrado ou tetrágono; e outro que, sem ter todos os quatro lados iguais, tem dois pares de lados iguais e opostos — o retângulo oblíquo. Assim:



§ 249. Note ainda que, em qualquer superfície retangular, as duas linhas retas que encerram o ângulo reto são ditas conter toda a figura; porque, sendo os outros dois lados iguais a estes dois, cada um igual ao seu oposto, segue-se que uma das linhas que encerram mede o comprimento de toda a figura, e a outra, sua largura: de modo que toda a figura é dada no contato das duas linhas. Se imaginarmos uma dessas linhas movendo-se ao longo da outra, vemos toda a figura se formar.

§ 250. Note também que, se, entre os dois lados desiguais que contêm o retângulo oblíquo, tomarmos a média proporcional e a elevarmos ao quadrado, obteremos um quadrilátero igual ao retângulo oblíquo. Isso levaria muito tempo para provar geometricamente, então deixe um argumento numérico servir por enquanto. Suponha que nosso retângulo oblíquo tenha seu lado maior com 9 pés e seu lado menor com 4 pés. Então, a linha de média proporcional será de 6 pés; pois assim como 6 está para 9, 4 está para 6. Ora, o quadrado desta linha deve ser igual ao retângulo oblíquo; o que é óbvio numericamente: 4 x 9 = 36, 6 x 6 = 36.

§ 251. Ora, é assim, ele diz, que a questão 'O que é um quadrado (i.e., o quadrilátero igual a um retângulo oblíquo)?' é respondida; diz-se que ele 'é um ortogônio', i.e., uma figura plana de ângulos retos, que é 'equilátera', i.e., tendo todos os seus lados iguais, e assim por diante. 'Tal termo', i.e., uma definição deste tipo, é realmente 'da natureza de uma conclusão', a saber, de uma demonstração pressuposta; enquanto que, se alguém dissesse que um quadrado é 'a descoberta de uma linha média', i.e., da média proporcional entre os dois lados desiguais do retângulo oblíquo, significando que um quadrado é o que é construído a partir desta linha, então, finalmente, a definição revelaria a 'razão de ser' da coisa definida.

§ 252. Note, no entanto, que este exemplo é relevante apenas para a definição da alma na medida em que esta definição deve ser simplesmente demonstrada; não deve ser tomado para implicar que nossa demonstração possa proceder *a priori* das causas para os efeitos.

§ 253. Em seguida, em 'Retomando então', ele começa a provar a definição da alma dada acima; e isso da maneira indicada, i.e., dos efeitos para as causas. É assim que ele procede: o primeiro princípio de vida nas coisas é a atualidade e a forma dos corpos vivos; mas a alma é o primeiro princípio de vida nas coisas vivas; portanto, ela é a atualidade e a forma dos corpos vivos. Ora, este argumento é claramente *a posteriori*; pois, na realidade, a alma é a fonte das atividades vitais porque é a forma de um corpo vivo, não *e converso*. Portanto, ele tem que fazer duas coisas aqui: primeiro, mostrar que a alma é a fonte ou princípio de vitalidade e, em segundo lugar, mostrar que o primeiro princípio de vitalidade é a forma dos corpos vivos (isso vem em 'Visto que aquilo pelo qual etc.'). Com relação ao primeiro ponto, ele faz três coisas: (a) ele distingue os modos de vida, (b) ele mostra que a alma é o princípio das atividades vivas — em 'Portanto, todas as plantas'; e (c) ele explica como estas partes da alma estão inter-relacionadas, por meio das quais ela origina as atividades vitais. Isso está em 'Perguntamos agora se cada uma destas'.

§ 254. Ele começa então dizendo que, para realizar nossa intenção de provar a definição da alma, devemos assumir como uma espécie de princípio que as coisas com alma diferem daquelas sem alma por estarem vivas. A vida é o teste; e como a vida se mostra de várias maneiras, se uma coisa tem vida em apenas uma dessas maneiras, ainda assim é dita estar viva e possuir uma alma.

§ 255. A vida, ele diz, se mostra em quatro modos: (1) como intelectual; (2) como sensitiva; (3) como a causa do movimento ou repouso no espaço; (4) como causa dos movimentos de nutrição, decadência e crescimento. Ele distingue apenas esses quatro modos, embora já tenha distinguido cinco tipos principais de atividade vital, e isso porque ele está pensando aqui e agora nos graus do ser animado. Há quatro tais graus, distinguidos da mesma maneira que os quatro modos nos quais a vida se manifesta: pois alguns seres vivos, i.e., as plantas, apenas se nutrem, crescem e decaem; alguns também têm sensação, mas estão sempre fixos em um lugar — tais são os animais inferiores, como os mariscos; outros ainda, i.e., os animais completos, como bois e cavalos, têm, junto com a sensação, o poder de se mover de um lugar para outro; e, finalmente, alguns, i.e., os homens, têm, adicionalmente, a mente. A potência apetitiva, que constitui um quinto tipo de vitalidade, não implica, no entanto, um grau distinto de ser vivo; pois ela sempre acompanha a sensação.

§ 256. Em seguida, em 'Portanto, todas as plantas', ele mostra que uma alma está envolvida em todos esses modos de vida. Ele faz isso com relação (1) às plantas e (2) aos animais, em 'Mas um animal é tal, primariamente'. Então (3), ele resume, em 'Por qual causa', o que foi dito e o que resta ser dito. Quanto a (1), ele faz duas coisas. Primeiro, ele mostra que o princípio de vida nas plantas é uma alma. Observamos, ele diz, que tudo o que manifesta um dos quatro modos de vida mencionados acima pode ser dito viver. Portanto, as plantas estão vivas; pois todas possuem algum poder ou princípio intrínseco de crescimento e decadência.

§ 257. Ora, este princípio não é mera natureza. A natureza não se move em direções opostas, mas o crescimento e a decadência estão em direções opostas; pois todas as plantas crescem não apenas para cima ou para baixo, mas em ambas as direções. Portanto, uma alma, e não a

natureza, está claramente em ação nelas. Tampouco as plantas vivem apenas quando realmente crescem ou decaem, mas, como seres que se alimentam, vivem enquanto conseguem assimilar o alimento que induz ao crescimento.

§ 258. Em seguida, em "É possível", ele mostra que este princípio de nutrição e crescimento pode existir separado de outros princípios de vida, mas estes não podem existir sem ele, pelo menos nos seres sujeitos à morte. Ele acrescenta esta última cláusula por causa dos seres imortais, como as substâncias imateriais ou os corpos celestes; porque, se estes possuem uma alma, ela é intelectual; não é uma capacidade de se nutrir. E a separabilidade deste princípio vital dos outros é claramente evidente nas plantas, que, de fato, não possuem outro senão este. Segue-se que o que primeiro causa vida nas coisas mortais é este princípio de crescimento e nutrição, a chamada alma vegetativa.

§ 259. Então, em "Mas um animal é primariamente tal", ele mostra que a alma é a fonte do viver nos animais. E aqui ele faz duas coisas. Primeiro, observa que o que distingue primariamente os animais é a sensação, embora existam animais que também possuem movimento local; pois chamamos de animais (não apenas seres vivos) aqueles que têm sensação, mesmo que estejam fixos em um só lugar. Pois existem muitos animais cuja natureza os restringe a um lugar, mas que possuem o poder do sentido, por exemplo, os mariscos, que não podem se mover de um lugar para outro.

§ 260. Depois, em "O tato é", ele mostra que o tato é o sentido primário nos animais. Pois assim como a alma vegetativa, diz ele, é separável de todos os sentidos, incluindo o tato, assim o tato é separável de todos os outros sentidos. Pois muitos animais inferiores têm apenas o sentido do tato; mas não há animais sem este sentido. Ora, aquele grau de alma do qual até as plantas participam chamamos de vegetativo. Portanto, podemos distinguir três graus de seres vivos: primeiro, as plantas; segundo, os animais inferiores fixos a um lugar e com nenhum outro sentido senão o tato; e, terceiro, os animais superiores e completos que possuem os outros sentidos e também o poder de se mover de um lugar para outro. E um quarto grau consiste, evidentemente, nos seres que têm tudo isso e também a mente.

§ 261. Finalmente, em "Por que causa", resumindo o que foi dito e o que resta dizer, ele observa que a causa de ambos esses fenômenos, a saber, a separabilidade do princípio vegetativo da sensação e do tato dos outros sentidos, será dada mais adiante. Ele faz isso ao final de todo o Tratado. Por ora, basta dizer que "alma" é o princípio único subjacente aos quatro modos distintos pelos quais a vida se manifesta, a saber: o modo vegetativo, que pertence às plantas e a todos os seres vivos; o modo sensitivo em todos os animais; o modo intelectual em todos os homens; e, quarto, o modo que é um poder de se mover de um lugar para outro, que existe em todos os animais superiores, tanto naqueles que têm apenas sentidos quanto naqueles que também têm intelecto.

Revision #3
Created 4 October 2026 19:33:17 by Admin
Updated 11 October 2026 22:12:07 by Admin